

Ser mãe é mergulhar no paraíso

————— MIRIAM LEVY —————

intransitiva
• revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Ser mãe é mergulhar no paraíso

Miriam Levy

Ontem fui à cachu com minha amiga que a chama assim. Viajamos tensas com horários, refeições, xixi preso, deveres de casa. Só lembrava do que tinha esquecido, do que estava faltando. Fui ficando angustiada por ser interrompida sempre, por não acabar nenhum raciocínio. Ela disse que eu mesma a tinha ensinado a dar menos importância a isso. Agora parecia diferente, me sentia atordoada.

Na cachoeira, pareço outra pessoa. Não a que pensa muito antes de agir, que sofre por antecipação. Subo em pedras, mergulho de cabeça na água fria e só depois sinto tudo. Meu pai subia sozinho na parte alta e perigosa da cachoeira enquanto minha mãe ficava no raso conosco. Será que ela queria subir também? Estava acostumada a querer?

Depois que estive na parte que era exclusiva do meu pai em seu momento Tarzan, entendi o que ele sentia. Estávamos indo para a região serrana e paramos na cachoeira da minha infância, que fica na estrada. Mas naquele dia eu era a única que queria estar ali, meus filhos pequenos estavam com medo da água gelada. Eu apenas mergulhei. Ouvi minha filha pequena chorando ao longe sem que o pai conseguisse consolá-la, mas não voltei. Cheguei no alto, deitei onde o meu pai costumava ficar e deixei a força da correnteza agir sobre mim. Será que herdei o gosto ou apenas queria me sentir igual a ele? Fui chamada de volta pelo choro. Ao voltar a sentir frio, descobri que ela tinha visto um rabo de sereia quando pulei na água e achou que eu não voltaria mais. Talvez não tenha voltado igual mesmo.

Da última vez que fui à cachoeira com essa mesma amiga, estávamos sozinhas. Terminávamos os assuntos, ríamos ao observar que a queda d'água parecia vir em câmera lenta. Mas eu falava das crianças, lembrava delas. Vivia aquele famoso paradoxo materno: queria que estivessem lá e ao mesmo tempo não queria.



Ontem éramos mães e filhos na cachu. As microtensões se desfizeram ao som da água que caía forte. O medo que não sinto transfiro para meus filhos disfarçado de cuidado. Minha caçula me perguntou se eu viraria sereia novamente e aceitei o convite. Depois de receber a queda d'água em toda a sua potência, voltei para o raso e fiquei com as crianças para a sessão de massagem da minha amiga. Embaixo do véu da Oxum, podíamos ser apenas nós mesmas.

Ela desceu o rio com a filha dela e a minha, que é igualmente curiosa e exploradora. Fui atrás com meu filho, orgulhosa pelo medo não paralisá-lo. Rita nos alertava dos perigos que encontrava e eu pegava emprestado o filtro criativo do José. Ao ver que dei um pulo incerto, me pediu para não fazer arte. Acabei desequilibrando e ao invés do pânico ao notar que o chão faltou, lembrei de colocar as mãos em apoio. Vamos desaprendendo a cair à medida que crescemos.

Nenhum dos três quis entrar na água forte, mas viram duas mães fazendo o que lhes dava prazer. Me senti menos fragmentada, não quero ser eu mesma só quando estou longe deles. Uma mãe que faz o que gosta não deveria ser confundida com um ser mitológico.

Acordei dolorida, mas com a satisfação de ter aprendido algo importante. Que os deveres (maternos ou de casa) não podem nos definir por completo. Ali, naquela cachoeira, o tempo estava suspenso e pudemos nos complementar em nossas faltas e alternar as potências. Que eu não esqueça que os curativos que costumo levar para os machucados deles também servem para cuidar dos meus. E que mostrar como se reerguer é bem mais importante que evitar a queda.

Sobre a autora

Ela é cria da UFRJ, formada em Letras (Português - Francês) e mestre em literaturas africanas de língua francesa. Atua no CAP UFRJ desde 2014 como professora de francês, orientadora de estágio e pesquisadora em formação docente, ensino descolonial e de línguas estrangeiras. Miriam coordena o coletivo feminista de docentes e técnicas, onde descobre a importância de ler mulheres e debater com elas. Redescobriu sua escrita durante a pandemia e espera não se perder dela nunca mais.